

**O PARADIGMA HOLÍSTICO
E A REINTERPRETAÇÃO DA TOTALIDADE**

ROBERTO VICTORIO

O paradigma holístico (do grego holos: totalidade) assenta-se sobre um natural encaminhamento científico - epistemológico e conseqüentemente artístico, a partir do enorme leque de representações poéticas advindas de simbioses criativas em constante mutação, onde a ciência passa a caminhar em consonância com os avanços artísticos e dos procedimentos religiosos estendidos à práticas rituais individuais, que ampliaram o poder de reintegração do homem às forças superiores.

Representa a primeira vista, o lado oposto do paradigma Cartesiano-Newtoniano, com características fragmentárias e reducionistas (porque mal interpretado) que tiveram um grau de importância imenso, insubstituível e necessário dentro do movimento heurístico-científico do século XVII, através de Galileu, Bacon, Descartes, Newton, entre outros. Movimento este, vigente até o início do século XX, época do repensar de todas as teorias mecanicistas e dominadoras que caracterizaram este movimento científico, haja vista as palavras de Bacon em *Novum Organum* onde diz que: “mas se alguém se dispõe a instaurar e estender o poder e o domínio sobre o universo, a sua ambição (se assim pode ser chamada) seria, sem dúvida mais sábia e a mais nobre de todas. Pois bem, o império do homem sobre as coisas se apóia unicamente nas artes e nas ciências. A natureza não se domina, senão obedecendo-a [...] que o gênero humano recupere os seus direitos sobre a natureza, direitos que lhe competem por dotação divina”. Descartes igualmente anunciou o advento de um mundo positivo e duro, mas que é também aquele em que o homem proclama seu reinado sobre as potências da natureza.

Há que se notar a extrema profundidade destas palavras (e atos) não só de Bacon, como também de Newton, Descartes e dos grandes teóricos da música desta época, quando se referem à importância de Deus no contexto de suas idéias, em suas bases científicas, estabelecendo uma fronteira bem delimitada entre o mundo das idéias, que se direciona à materialidade através de procedimentos teóricos, e uma instância divina que governa esses procedimentos e que se mantém velada aos mortais.

A diferença básica entre os dois paradigmas, é que o científico aparentemente luta contra a natureza (dominação) e o holístico trabalha com a natureza (cooperação). Porém temos que estar conscientes que os cientistas dos séculos XVII e XVIII tinham mentalidades muito diferente das que lhes é apregoada. Conheciam profundamente

várias áreas, tais como a astrologia, a medicina, a cabala, a alquimia e a teologia. Principalmente Newton, que talvez tenha sido uma das maiores mentes da civilização ocidental. E por isso mesmo, pela razão de terem contato com áreas tão diversas (e tão próximas) é que ampliaram sobremaneira as possibilidades de atuação e desenvolvimento da ciência. Exatamente por esse vínculo imprescindível com o outro lado. O lado velado do conhecimento.

Fica claro para nós, que a metafísica caminhava paralela aos modelos científicos, pois o revelar-se é condição primaz do metafísico. Sem a revelação não há descoberta, e sem a descoberta não há renovação e ampliação das capacidades humanas, que em essência é o próprio avançar retornando, autoconsciente. Hoje e sempre será este o caminho do desvelar-se.

Esse caminho foi estreitado e quase que totalmente esquecido pela grande maioria dos pensadores posteriores. O sentido de transcendência, antes de tudo, no realizar, no formular, no criar algo, foi quase que totalmente abandonado em prol de uma visão racional, reducionista. Sobre este ponto, Pierre Weill comenta que “pouco a pouco, este Deus externo morreu, ficando apenas as leis e concepções mecanicistas, cujos sucessos foram tais que permitiram mandar o homem à lua e desintegrar o átomo. Mas esta última operação levantou questões fundamentais, que culminaram no nascimento de um novo paradigma em física, enquanto as ciências biológicas e humanas, mais especialmente a psicologia e a medicina, que se tinham largamente inspirado no antigo paradigma da macrofísica do século XIX, continuam até hoje imbuídas dele”.

Esse desvinculo com o extra-físico, com o transcendente, foi o mesmo caminhar traçado nas religiões, principalmente no ocidente. Duas razões mostram-se causadoras deste desvio. Primeiro, a questão da transmissão oral através dos tempos, que naturalmente deforma a idéia original para a maioria dos buscadores, onde há um natural processo seletivo, uma escolha de ordem superior, dos privilegiados em receber a essência dos ensinamentos, ou pelo menos saber transcodifica-los, e transmiti-los posteriormente aos não-iniciados. Isto em verdade, é um dos caminhos da iniciação, diferente do que ocorre nos ritos de passagem, que têm um caráter iniciático externo, em primeira instância, através das ações, e posteriormente com o supra físico. Ambos funcionando como um processo de superação das amarras da humanidade.

Sobre este prisma, adentra-se na primordial diferença entre misticismo e religião, ou seja, na religião a transmissão é indireta e disseminada posteriormente aos

que não tiveram a oportunidade ou merecimento do contato. No misticismo, a busca é pessoal, direta, e a aquisição de conhecimento não depende de intermediários e o buscador participa diretamente do processo de descoberta.

Segundo, a linguagem escrita. Um benefício imprescindível, mas paradoxalmente uma barreira intransponível no real entendimento entre mentes. É importante colocar que as duas questões referem-se a um único problema desmembrado: o da linguagem falada e da linguagem escrita. Isso sem tocar no ponto que estabelece a fronteira entre o fazer artístico, e seus inúmeros afluentes, onde adentramos em um terreno metalingüístico de proporções incalculáveis, ainda no universo da linguagem falada e escrita, sem nos atermos ao percurso musical que é uma outra realidade, não-lingüística, e que abdica do viés semântico para a construção de um sentido que dispensa a lógica sintática, tal qual um idioma, exatamente por não ser um idioma.

É óbvio que a linguagem escrita, formada para expressar de pluralidade (além da fala) como é o caso dos idiomas semíticos, absolutamente sem vogais, pois as vogais significam parada, seccionamento, e as consoantes, movimento, continuidade, perderam todo o sentido criando-se com isso barreiras intransponíveis quando do desmembramento nos demais idiomas e a preocupação com explanações objetivas, no sentido concreto. Daí, devido à imperfeição e rarefação da linguagem usual, houve a necessidade da expressão de idéias através de mitos, símbolos e aforismos, que, sendo transmitidos sem alteração (ou pelo menos um mínimo, sem que comprometesse o sentido de totalidade) conduziram os ensinamentos, pensamentos e ações através dos tempos, por meio dos ritos, que são primordialmente o canal de expressão e materialização dos mitos. Gurdjieff a esse respeito diz que “um símbolo nunca pode ser totalmente interpretado, só pode ser experimentado ou vivido, do mesmo modo que, por exemplo, a idéia do desconhecimento de si deve ser vivida. Em razão dessa tendência do nosso pensamento contemporâneo a opor definições lógicas e argumentos a tudo o que ouvem, ocorre frequentemente que se uma ciência exata dos detalhes, não importa em que domínio, for comunicada a um homem antes de ele ter adquirido a compreensão da natureza essencial desse domínio, isso torna-lhe muito difícil, precisamente captar essa natureza essencial. E é claro, isto não quer dizer que a ciência verdadeira ignore as definições exatas, ao contrário, só ela conhece, mas a seu modo, que contrasta totalmente com a idéia que delas temos. De modo que, se alguém imagina seguir o caminho do conhecimento em si, guiado por uma ciência (exata) de todos os detalhes,

ou se espera adquirir tal ciência antes de ser dado o trabalho de assimilar as diretrizes que recebeu – no que concerne a seu próprio trabalho – engana-se, deve compreender, antes de tudo, que nunca chegará à ciência antes de ter feito os esforços necessários e que somente seu trabalho poderá dar o que ele ainda não possui; nunca ninguém poderá fazer por ele o trabalho que deveria ser feito por si mesmo. Tudo o que outro pode fazer por ele é estimulá-lo a trabalhar e, desse ponto de vista, o símbolo, compreendido como deve ser, desempenha o papel de um estimulante em relação à nossa ciência”.

Em verdade, as idéias centrais, geradoras, dos pensadores do passado, estavam, no íntimo, impregnadas deste sentido de todo. A interpretação deturpada ou mesmo superficial dessas idéias, ocasionou um desvinculo com a intenção primaz, ou seja, a unidade.

Isto se aplica também aos pensadores que contribuíram para um real avanço na fase pós-Planck-Einstein, como Heisenberg, Bohr, Jung, Gurdjieff, Ohsawa, dentre outros que tinham a unidade como alicerce de suas idéias.

Esse “ir e vir”, no que refere a focalização nas especialidades e retomada da totalidade, desde os pré-socráticos até nossos dias, e esses faróis pensantes dentro de ciclos fragmentários, atuando como um vínculo e como perpetuação da tradição. Isso pensando-se que a cada retorno vão se adensando os ires e vires.

Para cada período da história que enfatiza o pensar e atuar mecanicista e fragmentário existe uma compensação no mesmo nível de um pensar e atuar totalizante sempre em conformidade com as mudanças cíclicas do planeta.

Estas alternâncias no enfoque científico, no sentido de interpenetrabilidade das ações e especulações humanas, são absolutamente necessárias para o avançar do homem como ser pensante e dotado de autoconsciência. Uma depende da outra e não podem existir sem essa luta dual. O homem pereceria sem os paradoxos e sem as batalhas interiores constantes, este é o principal motivo deste “ir e vir”, deste ciclo interminável enquanto humanos.

Isso fica claro nas palavras de Heráclito (Fragmentos):

“A harmonia oculta é superior à aparente

A oposição trás concórdia

Da discórdia nasce a mais bela harmonia

É na mudança que as coisas encontram repouso

As pessoas não compreendem

Como o divergente consigo mesmo concorda

Há uma harmonia de tensões contrárias
Assim como a do arco e da lira
O nome do arco é vida
Mas sua função é a morte”

Com relação à música, que é uma partícula deste vasto espaço totalizador, os processos ocorrem, como não poderia deixar de ser, de maneira idêntica. Enquanto símbolo, a música, e a notação musical em primeira instância, como materialização desta entidade no mundo real, acontece primeiro no subjetivo, no mundo das possibilidades, dos *continuuns* a serem apreendidos, refletindo-se no mundo bidimensional da notação que se projeta ou tenta retornar à virtualidade pela performance, ou infinitas possibilidades de leitura.

Porem é necessário estar ciente do poder desta ação no subjetivo, ou seja, a ação metafísica da música enquanto ordenação sonora consciente, estabelecida a partir de uma rede de intenções infinita.

Tal como ocorreu em outras áreas, o homem abandonou, esqueceu desses poderes inerentes à música em prol de uma música superficial extremamente ligada a referenciais não só puramente técnicos, mas também comprometida com os sentimentos e as mazelas humanas. O extremo oposto da música das esferas de Pitágoras, como uma música que refletia, antes de tudo, as proporções celestes no mundo material. É claro que de Pitágoras até nossos dias estes “faróis pensantes”, que se tornaram cada vez mais raros, ajudaram a manter a tradição de um passado arcano não somente sonoro, mas holístico, onde as fronteiras que delimitam o conhecimento passam a deixar de existir como barreiras clânicas intransponíveis e sim como células que coexistem, com funções distintas, mas em comunhão constante.

Quando nos referimos a música superficial, estamos tocando no ponto mais imediatista, e por isso mesmo falho, de uma elucidação da música como manifestação artística. A música como expressão de sentimentos, como sintoma emotivo. Um enfoque curto e totalmente ineficaz para a explicação de uma obra de arte.

Um segundo posicionamento é o que relaciona a música não como a causa ou a cura de sentimentos, mas a sua expressão como uma manifestação lógica, e que de acordo com Susanne Langer “com maneiras especiais de funcionar, que a torna incomensurável com a linguagem e com símbolos apresentativos, como imagens, gestos e ritos. Este segundo enfoque já é mais abrangente e mais próximo do real sentido da

música como manifestação orgânica, ampla e mais próxima do que se poderia chamar de uma entidade artística. Principalmente quando se toca na incomensurabilidade da música enquanto organismo, onde a elasticidade perceptiva no que se refere à apreciação, análise e construção de uma obra de arte, une o mistério da música ao mistério interno dos símbolos. Este enfoque, ainda que mais claro, mostra-se incompleto, pois, ainda que referindo-se a apresentação da música enquanto símbolo, ou carregada de elementos simbólicos em seu bojo, o mesmo carece de um aprofundamento dessas indicações no sentido de estabelecer uma conexão dos eventos desenvolvidos à uma ordem superior.

Em uma terceira leitura, chega-se aos efeitos das interpretações simbólicas e a razão da intenção totalizadora, quando se une a música com a numerologia, a tradição cabalística, a astrologia e a procedimentos arcanos. Na verdade não se trata de realmente unir, mas sim, retomar este elo que foi parcialmente esquecido com a extrema preocupação com as especificidades.

Não se trata de abdicar do paradigma anterior e abraçar desmesuradamente o “novo” paradigma que naturalmente se apresenta, e sim, repensar o anterior e seus imensos avanços alcançados e retomar o fio deixado pelos pensadores do passado, reinterpretando-os com uma visão totalizadora.

Hoje, com o descortinar de novos ares que se abrem onde inúmeras poéticas fundem-se em tendências absolutamente inusitadas; a percepção de um passado recente visto de outro posicionamento, que permite o vislumbre do exterior como espectador privilegiado; e o repensar das possibilidades não só artísticas mas vivenciais, como compensação ao extremo caminhar tecnológico, o homem caminha para um ciclo de aparente equilíbrio dentro do caos. Um “ir e vir” que se reflete em todas as manifestações vivas. Um “ir e vir” que representa as leis imutáveis do universo, que não diferencia a ação da não-ação, o silêncio do cão sonoro, o ser do não-ser.

Nada de novo, apenas um repensar as possibilidades de nós humanos galgarmos mais um degrau rumo ao infinito. Como conclusão, ficam as palavras de Sri Aurobindo:

“Não há nenhuma incompatibilidade entre o poder criativo e o silêncio, pois o silêncio real é algo interior e não cessa ou pelo menos não precisa cessar quando uma atividade ou expressão fortes erguem-se para a superfície”.